

O Tuiuti



2013 / Nº 71

1924

Imigrantes Europeus
Veteranos da
I Guerra na
Revolução Paulista





O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – AHIMTB/RS e IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg

nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Grupo de combatentes paulistas, 1924

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Fundada em Resende, RJ, em 10 de março de 1996

Foi fundada em Resende em 10 março de 1996 ,data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, destinada a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil :Exército , Fuzileiros Navais , Infantaria da Aeronáutica ,Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento .

A novel entidade ,com sede e foro em Resende ,mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Moraes e Castelo Branco.

Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras ,em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil , os generais A .de Lyra Tavares ,Jonas de Moraes Correia, Francisco de Paula Azevedo Pondé Severino Sombra (falecidos), o Alte Hélio Leôncio Martins e o coronéis I Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante da Brigada Militar RS. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco, Pedro Calmon ,Eugênio Vilhena de Moraes e Gustavo Barroso pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil.

A Participação de Imigrantes Europeus Veteranos da I Guerra Mundial na **Revolução de 1924** em São Paulo

Cel. Cláudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista, Presidente da FAHIMTB

Na madrugada de 5 de Julho de 1924, irrompeu em São Paulo capital a chamada Revolução de 1924, contra o governo do Presidente Arthur Bernardes.

Esta Revolta desdobrou-se em duas fases. Na primeira, os revoltosos ocuparam a capital e algumas cidades paulistas. Na segunda fase, forçados por tropas legais, deixaram a capital. Mais tarde se uniram aos revoltosos gaúchos e formaram a Coluna Miguel Costa/ Prestes que durante dois anos marchou através do Brasil.

O confronto das tropas legais na capital de São Paulo com os revolucionários, sob a liderança do General Isidoro Dias Lopes, foi violentíssimo e aterrador.

Depois de 22 dias de resistência, os revolucionários embarcaram em trem rumo a Bauru. E, forçados, atravessaram o Paraná e estabeleceram, entre Catanduvás e Guará, uma linha de defesa onde resistiram três meses. A seguir, teve curso a Coluna Miguel Costa/ Prestes.



No combate aos revoltosos no Paraná, o Gen. Ex Armando Luiz Malan de Paiva Chaves, ao estudar o Relatório do Destacamento Malan, comandado por seu avô General Alfredo Malan D'Angrone, teve sua atenção despertada pelo informe de um prisioneiro dando conta que um batalhão de alemães, composto de veteranos da 1ª Guerra Mundial, formava a vanguarda revolucionária, estando abundantemente equipados de fuzis e metralhadoras. E continuou, o Gen Paiva Chaves, pesquisando a presença de imigrantes europeus na revolta.

Em realidade, os revoltosos procuraram reforçar suas forças com o concurso de imigrantes europeus, de preferência veteranos da 1ª Guerra Mundial, conforme se concluiu da História da Revolução de 1924 na História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo, publicado em 1972, v.3, p. 905/919 e no livro A Noite das Grandes Fogueiras, de Domingos Meireles (Ed. Record, 1995). E que cada batalhão teria recebido uniformes, armas e munições. Seus oficiais teriam sido escolhidos em função de documentos de seus países atestando, cada um, haver ocupado postos e graduações militares na Grande Guerra.



O Estado-Maior das tropas legalistas, durante a revolução (A Cigarra, julho de 1924)

O Batalhão Húngaro

O Batalhão Húngaro era comandado por Maximiliano Ágid e foi baseado na Av. Tiradentes, nº 15. Seus soldados teriam recém chegado ao Brasil, sendo de diversas profissões, inclusive Paul Harmath, jornalista em São Paulo e ex-correspondente na 1ª Guerra e que tinha entre suas missões, enviar para jornais europeus notícias da Revolução. Constava que havia também Adalberto Kardos, ex-detetive da Polícia de Budapeste.

Dos 122 que teriam se alistado no Batalhão Húngaro, 13 seriam oficiais com alguma experiência em combate.

A missão inicial que teriam recebido seria a de policiar São Paulo, a cavalo, proteger o patrimônio público, impedir saques no comércio e vigiar casas abandonadas por seus moradores. A Colônia Húngara de São Paulo era de cerca de 6.000 habitantes distribuídos nos bairros da Lapa e Vila Pompéia.

O Batalhão Alemão

O Batalhão Alemão foi localizado próximo ao Batalhão Húngaro e passou a ser denominado Batalhão Patriótico da Colônia Alemã.

Seu comandante era João Joaquim Tuchen que, junto ao Capitão Arnaldo Kühn comunicar-se-iam, ambos, com o Batalhão em português. E que toda a documentação do Batalhão teria sido escrita em Alemão. Teriam sido logo enviados para missões de combate. O mecânico Edvald Bremesk, chefiava a Secção de Metralhadoras. Gerhard Najes, veterano da Artilharia Alemã, seria o responsável pela manutenção dos canhões da Revolução. Segundo um informe, o Batalhão Alemão possuía 650 homens, sendo 200 alemães e 80 italianos. Os restantes 370 eram brasileiros.

O Coronel João Francisco Pereira de Souza, que passou a ser conhecido como a Hiena do Cati, no comando de seu modelar quartel na fronteira em Santana do Livramento, assim referiu-se sobre os estrangeiros ao Capitão Távora, depois da derrota revolucionária em Três Lagoas: "Queira aceitar e transmitir a seus comandados, esses intimoratos alemães e aos não menos bravos italianos

que com os nossos estoicos e temerários patrícios constituem a sua coluna...”

Uma companhia deste Batalhão, ao ter a oportunidade de atravessar o rio Paraguai de navio, desertou para o Paraguai. Somente dois oficiais da Companhia não teriam desertado.

O Batalhão Italiano

O Batalhão Italiano tinha como um de seus principais líderes Lamberte Sorrentino. Seus integrantes, em sua maioria teriam sido anarquistas e propagadores de ideias libertárias. Teriam vindo de Nápoles, Veneto, Sicília e Calábria.

A Motivação dos Imigrantes para Lutar pela Revolução de 1924

Os anarquistas teriam participado por questões ideológicas. Mas a maioria recém-chegada ao Brasil teria sido atraída pela remuneração.

Um capitão receberia 30 mil réis por dia. Um tenente 25 mil e um soldado 10 mil. Para estimular o ânimo do imigrantes mercenários, o Comando Revolucionário teria lhes adiantado 20 dias de soldo. Teria cabido aos imigrantes cavarem fossos anti-carro para conter os carros de combate recém recebidos pelo Exército.

A Contribuição dos Imigrantes Europeus

Oficiais revolucionários adaptaram com blindagem um trem na Estação da Luz, com o concurso de um engenheiro húngaro e técnicos alemães. E teriam ido mais longe,



Um carro de combate Renault FT-17 com torre redonda e canhão Puteaux de 37mm, durante a Revolução de 1924. Vê-se a barra de sustentação, para ajudar na travessia de trincheiras e fossas, onde se encontram presas algumas correntes e diversos utensílios da tropa, como mochilas, cobertores, e outros objetos.

ao montarem um carro de assalto sobre a carroceria de um caminhão Ford.

Com o concurso de mão de obra estrangeira os revolucionários teriam fabricado granadas e munição de Artilharia nas oficinas da ferrovia de São Paulo. O comandante Agid, do Batalhão Húngaro, teria supervisionado a fabricação de bombas incendiárias. Os engenheiros alemães Kerlen e Nicolau Kotchetoff teriam comemorado, orgulhosos, as suas contribuições técnicas.

O Tenente Eduardo Gomes, observador aéreo de Artilharia, levantou vôo no Campo de Marte, a bordo de um avião Oriole, pilotado pelo europeu Carlos Arder.

A Aeronave Oriole foi testada por dois pilotos veteranos da 1ª Guerra Mundial, um alemão e o italiano Lucio Gordenes, incorporados ao serviço de Aviação das Forças Revolucionárias. Aviadores legais e revolucionários sobrevoaram São Paulo, mas não houve nenhum bombardeio.

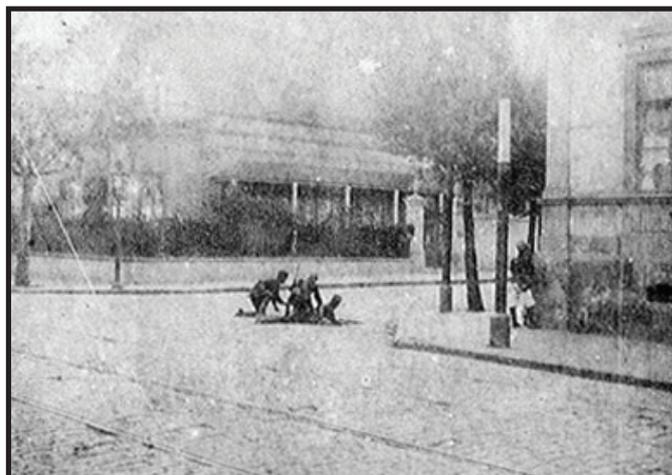
Reações da Alemanha e do Governo Brasileiro Contra os Imigrantes Mercenários

Os alemães teriam ficado preocupados com a ameaça estampada na primeira página do *Jornal do Commercio*, no qual o Consulado alemão lembrava aos nacionais “que, de acordo com a legislação da Alemanha, perdema nacionalidade alemã todos aqueles que aceitarem emprego de um Governo estrangeiro ou entrarem no Serviço Militar de potência estrangeira”.

O Consulado já se manifestara contra o envolvimento cada vez maior de alemães com o movimento revolucionário. No início, fora uma advertência, uma condenação meramente formal, de natureza ética e sem ameaças, um convite aos alemães radicados em São Paulo, a fazerem uma reflexão sobre a atitude que estavam tomando. Desta vez, o Consulado ameaçava castigar os integrantes do Batalhão Alemão com a perda da cidadania.

Com base na montanha de documentos que os revolucionários abandonaram ao deixar a cidade, a Polícia instaurou dezenas de inquéritos. O Governo aproveitou a situação para mais uma vez denunciar o envolvimento dos imigrantes com o movimento revolucionário. Com base nas provas recolhidas em vários endereços da capital paulista, foram reativadas as denúncias de que os revolucionários haviam contratado mercenários estrangeiros para matar soldados brasileiros.

A mesma acusação fora feita durante a ocupação de São Paulo. O general Isidoro viu-se moralmente obrigado a esclarecer, através dos jornais, que não estava utilizando



Combate nas ruas de São Paulo, 1924
(Acervo AHMWL/SMC)

a experiência de artilheiros estrangeiros para atirar contra as tropas do Exército. As guarnições dos canhões dos revolucionários, de acordo com a nota oficial assinada por Isidoro, era formada exclusivamente por brasileiros, em sua maioria oficiais do próprio Exército que haviam aderido à Revolução.

A Polícia também acusou os revolucionários de terem contratado pilotos mercenários, como Alberto Comeli e Lúcio Gordines, italianos, Fritz Roesler, alemão, e Carlos Herdler, tcheco-eslovaco, para prestar serviços à aviação rebelde.

A morte dos oficiais alemães Ende, Kannegiesse e João Mentzel em Campo Japonês, durante a batalha de Três Lagoas, em Mato Grosso, foi também explorada pelo Governo, para provar que os rebeldes não têm escrúpulos em continuar pagando estrangeiros para matar brasileiros.

As acusações se escudavam na documentação apreendida pela Polícia. Uma carta do engenheiro alemão Henrique Hacker ao general Isidoro mostrava, por exemplo, o nível de envolvimento de alguns

prósperos representantes da colônia alemã com o movimento revolucionário.

O volume de documentos sobre a participação de imigrantes era tão grande que o Governo decidiu instalar um IPM só para investigar a participação de estrangeiros na revolução.

Tradutores juramentados foram contratados para classificar e traduzir a papelada recolhida nos quartéis dos batalhões rebeldes. Os primeiros interrogados foram os imigrantes presos ainda em São Paulo e os que caíram prisioneiros em Campo Japonês.

A Polícia descobriu que a maioria dos combatentes não era formada por soldados profissionais, mas por um exército de desempregados, muitos extremamente jovens, como o doceiro Wilhelm Stuff, de 18 anos, de nacionalidade alemã, ferido por estilhaço de granada, e o iugoslavo Jacob Tescho, também de 18 anos, camponês, há pouco mais de seis meses no Brasil.

Muitos tinham sido empurrados para as fileiras rebeldes não só por suas ideias

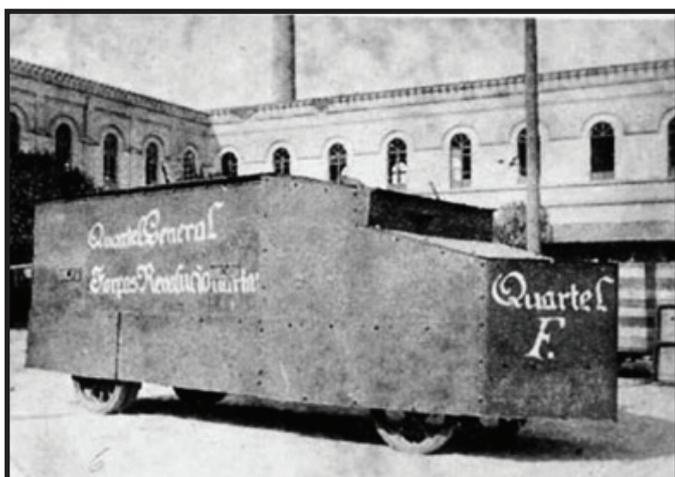
anarquistas, mas pela fome e pelo desespero. O ex-garçon austríaco João Dugaesek, 37 anos, desempregado e com a mulher doente, foi um dos 24 estrangeiros que cavaram trincheiras e lutaram contra o Governo em troca de comida.

Alguns eram apenas descendentes de imigrantes, como Reinaldo Husemann, 18 anos, brasileiro filho de alemão, que se alistou como voluntário para combater nas trincheiras da Avenida Paulista com a Rua da Consolação. Só uns poucos tinham sido militares e lutado por seus países durante a Primeira Guerra Mundial.

Cada unidade foi investigada separadamente por um delegado especial com a ajuda de um tradutor juramentado.

Ao se debruçar sobre a contabilidade do Batalhão Húngaro, encontrada no número 15 da Avenida Tiradentes, o tradutor teria arregalado os olhos, com ar de espanto, e começado a falar sozinho, em voz alta. A expressão do rosto seria de perplexidade: - *Mas o que é isto? Gyla Hegedues é um dos maiores astros da Hungria, membro do Grande Teatro Vigazinhaz, de Budapeste! Anatole Holub é um campeão de luta romana! Alajos Herceg é o nome de um conhecido meu, comerciante em Budapeste! Gabor Corponli e Gedeon Radar são homens públicos do meu país!*

O delegado Alfredo de Assis, que presidiu o inquérito, não teria acreditado no que acabara de ouvir. A lista de pagamento de soldos do Batalhão Húngaro era um deboche. O comandante Maximiliano Agid não passaria de um aventureiro internacional, espertalhão sem escrúpulos, que enganara os revolucionários com uma lista de falsos combatentes.



Um carro blindado construído improvisadamente para a revolução



Interessante fotografia de uma trincheira, localizada na esquina da rua Conselheiro Crispiniano com a avenida São João, em julho de 1924.

Agid teria superfaturado as despesas com seus homens plantando 33 soldados-fantasmas na folha de pagamento do batalhão, para ficar com a diferença.

A farsa de Agid fora descoberta por acaso pelo intérprete, ao examinar a lista de estrangeiros alistados entre os combatentes húngaros. Agid teria chegado a incluir na relação de soldados sob seu comando, romancistas, um rei do século XV, Maryas Kiraly, bailarinos, foragidos da justiça e nomes de lojas comerciais, repartições públicas e cidades de veraneio da Hungria. A lista de combatentes transformou-se em mote para piadas contra os revolucionários.

O Presidente Arthur Bernardes teria usado o escândalo para tentar, mais uma vez, desmoralizar a revolução. Além de

ridicularizar o general Isidoro Dias Lopes, ao divulgar que este fora ludibriado por um vigarista, o Governo teria aproveitado a oportunidade para denunciar que a Revolução estava cercada por uma "gang" de mercenários e aventureiros internacionais.

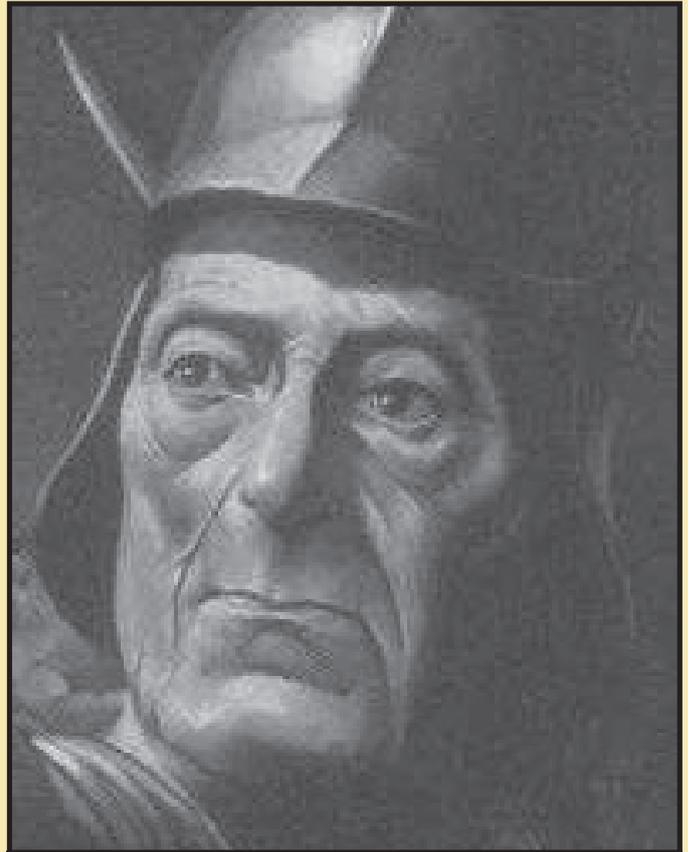
A bibliografia citada contém mais detalhes, inclusive de mortos em combate e, em especial, do Batalhão Alemão, assinalados pelo General Armando Luiz de Paiva Chaves em pesquisa que nos entregou.

•

Curiosidade Histórica

Você já ouviu falar em um Papa guerreiro, armado de espada, cota de malhas, elmo, montado a cavalo, à frente, comandando suas tropas?

Pois bem, isso existiu. Era o Papa Júlio II (Giuliano Della Rovere), que foi sumo pontífice de 1503 a 1513. Conforme Barbara Tuchman (A Marcha da Insensatez. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 98), o Papa Júlio lutou contra a França (1506), que havia tomado conta de um feudo papal, a região pertencente à família Ferrara, na hoje Itália, que havia mudado de lado, passando a apoiar os franceses. Júlio, então com 63 anos, buscava preservar os chamados “estados pontifícios”, de propriedade da Igreja.



Giuliano della Rovere, Papa Júlio II
(1443 - 1513)



Retrato de Júlio II
(Ticiano, 1545)

Na época, a península italiana estava, ainda, a 400 anos da sua unificação política e territorial, que só aconteceu na década de 1870 do século XIX.

Diz Tuchman, referindo-se ao Papa Júlio II: “...recentemente recuperado de moléstia tão grave que já tinham sido adotadas as disposições para um novo conclave, conduziu o assédio (a Ferrara) durante os rigores de um inverno severo. Alojou-se na cabana de um campônio e, continuamente montado a cavalo, dirigiu incursões e baterias, movimentou-se entre as tropas, encorajou os homens e pessoalmente liderou-os através de uma brecha nas muralhas”.

•



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

